

si, não poucas incompreensões. Galhardamente, como se não sentisse o peso dos anos, conduziu o seu trabalho incansável e fez difundir seu nobre pensamento. Nas encíclicas de fundo social, pregou a verdadeira justiça, consistente na distribuição equânime entre os homens das riquezas produzidas pelo trabalho dos homens. Na realização do Concílio Ecumênico pregou a compreensão e preferiu ver reunidos sob os mesmos templos a todos aqueles que adoram um mesmo Deus. Foi o grande propagador da ideia da reunificação da Igreja Cristã.

Não lhe bastassem tantos trabalhos na causa dos humildes e na causa superior da Igreja, João XXIII foi ainda o grande apóstolo da paz.

Sua morte encheu de luto a todos os corações, porque, com o seu desaparecimento perdeu o povo humilde o seu aliado e defensor, perdeu a Igreja o seu Grande Chefe e perdeu a causa da paz mundial o seu maior e mais ardoroso defensor.

A bancada do PTN, partido cuja linha ideológica tanto se assemelha ao recomendado na encíclica "Mater et Magistra", lamenta a morte do Sumo Pontífice da Igreja, lamenta o desaparecimento do grande guardião da paz mundial e chora a perda do insuperável soldado da luta pela emancipação do homem que trabalha.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Raul Schwinden pelo Partido Socialista Brasileiro.

O SR. RAUL SCHWINDEN — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. deputados, Excelentíssimos Srs. Representantes da Santa Igreja Católica.

Numa das salas da Associação dos Professores do Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo, existe, como lembrança para todos os professores há muito tempo, esta frase do Papa João XXIII: "Todas as batalhas, até mesmo as da mente, são ganhas com a união."

Nos últimos dias da sua vida, proferiu o Papa João XXIII esta outra frase: "Em minhas conversas com o Senhor, tive sempre diante de mim Cristo crucificado, com os braços abertos para acolher-nos a todos, pois tal é a missão da Igreja Católica Apostólica Romana".

Elevado às culminâncias do mundo, conservou aquele humilde lavrador, aquela simplicidade de quem lavra os campos.

Elevado às culminâncias da Igreja, deixou sempre abertas as portas do Vaticano para todos aqueles que quisessem com ele dialogar. Homem simples do campo, não esqueceu jamais dos trabalhadores.

As suas encíclicas atestam a sua constante preocupação com a humanidade. O Concílio Ecumênico revela, por outro lado, a preocupação de reunir, num só rebanho, toda a humanidade.

Dêle, diz o meu companheiro de partido, nobre deputado Cid Franco:

(Lê): "Podem na verdade protestantes, espíritas ou adeptos de outras correntes não católicas prestar homenagem ao Papa João XXIII? Podem e devem. Ele não foi um intolerante."

E os homens sinceros que desejam, dentro de qualquer partido político, a extinção das injustiças sociais, da fome e da miséria em que sofrem milhões e milhões de criaturas? Também podem, também devem homenagear os sacerdotes com as ideias de João XXIII? Também.

O Papa da "Mater et Magistra" foi um homem que disse: "Nossa alma é presa de profunda amargura diante de um espetáculo infinitamente triste: uma multidão de trabalhadores, em numerosos países e em continentes inteiros, recebem um salário que os obriga — a eles e suas famílias — a condições de vida infra-humana".

Acrescentava: "em alguns desses países é gritante e ultrajante o contraste entre a extrema miséria das massas e a abundância, o luxo desenfreado de alguns privilegiados".

Vai na socialização um caminho que nos pode levar à satisfação de numerosos direitos pessoais, em particular daqueles denominados econômicos e sociais?

Que direitos são esses, inerentes à socialização? Ele enumerava: "Por exemplo, o direito aos meios indispensáveis a um sustento humano condigno: a cuidados médicos; a uma instrução de base mais elevada, a uma formação profissional mais adequada, a habitação, ao trabalho, o repouso conveniente, a recreação".

Os que dizem que a socialização muda os homens em autômatos, em máquinas, em coisas, muito lucrarão se lessem do coração aberto as seguintes palavras de João XXIII: "Deve-se concluir que a socialização, crescendo em amplitude e profundidade, transformará necessariamente os homens em autômatos? É preciso responder negativamente a essa interrogação. Não se deve considerar a socialização como resultado de forças naturais, movidas por um determinismo. Ela é, ao contrário, como já notamos, obra dos homens, seres conscientes, livres levados por natureza a agir como responsáveis, ainda mesmo que sejam compelidos, quando agem, a reconhecer e respeitar as leis do desenvolvimento econômico e do progresso social, e não consigam escapar inteiramente à pressão do ambiente. Daí concluímos que a socialização pode e deve ser realizada de maneira a aproveitar as vantagens que oferece e a conjurar ou reprimir seus efeitos negativos".

Quero terminar esta homenagem ao grande Papa com a transcrição de mais estas palavras da "Mater et Magistra": "A socialização é um dos aspectos característicos de nossa época. Ela é uma multiplicação progressiva das relações na vida comum; comporta formas diversas de vida e de atividade associada e a instauração de instituições jurídicas. Esse fenômeno é alimentado pela fonte de numerosos fatores históricos, entre os quais devem ser apontados os progressos científicos e técnicos, a eficiência produtiva cada vez maior, um nível de vida mais elevado para os cidadãos".

Quem será o seu sucessor? Fazemos votos para que tenha as mesmas posições do chamado Papa camponês — o Papa da Paz.

Estas palavras foram publicadas no jornal "Cruzeiro do Sul", de Sorocaba.

Em melhores que as minhas palavras, são aquelas proferidas pelo Secretário-Geral da ONU, porque ele falou pelo universo, ele falou pelo mundo:

(Lê) "Uma nobilíssima vida chegou ao seu termo e deixou de estar conosco um espírito das mais elevadas qualidades humanas. A morte de Sua Santidade, o Papa João XXIII, é profundamente sentida por homens de todas as latitudes, que vian nele um símbolo de universalidade, de paz e de harmonia. Embora fosse o chefe da Igreja Católica, o Papa João XXIII, em sua recente e memorável Encíclica "Pacem in Terris", falou por todos os homens e a todos os homens, ao reafirmar sua fé na dignidade do indivíduo, nos direitos humanos fundamentais, na justiça e numa ordem internacional eficaz. Sua mensagem foi verdadeiramente ecumênica e de vasto alcance e significação."

A história oferece poucos exemplos em que o afeto e o respeito da humanidade se tenham centralizado de maneira tão arrasadora num só ser humano, como acontece no caso de Sua Santidade, o Papa João XXIII. Ainda mais raro é que tal respeito e afeto se tenham desenvolvido em tão curto período de tempo e tenham transposto fronteiras tanto nacionais como religiosas.

Identificando-se tão completamente com a causa da paz e da compreensão internacional, o Papa João XXIII se transformou na verdadeira encarnação das aspirações da humanidade. Daí que os últimos momentos do Papa nesta terra tenham sido acompanhados do que o Vaticano justamente chamou de um "Plebiscito de Orações".

"Uma confiança plena nas potencialidades da humanidade orientou sempre o pensamento e as ações do Papa João XXIII. Que esta confiança seja uma fonte de inspiração para todos nós, a fim de que também possamos servir utilmente à causa da paz e da compreensão entre os homens".

Sr. Presidente, Srs. deputados, ilustres representantes da Santa Igreja Católica, ao finalizar minhas palavras, deixo meu pensamento a Deus, para que transfunda ele no coração dos homens, principalmente no daqueles que, neste instante, ocupam todos os poderes, para que, no coração desses homens, se plantem as sementes das palavras de João XXIII. Que elas sirvam realmente de caminho para que possamos ter aquela harmonia, aquela paz social tão almejada por todos nós, que verdadeiramente amamos o nosso próximo.

Era o que tinha a dizer. (Palmas!)

O SR. PRESIDENTE — Pelo Partido Social Progressista, tem a palavra o nobre deputado Sival Antunes de Souza.

O SR. SIVAL ANTUNES DE SOUZA — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. deputados, venerandos representantes da Igreja Católica.

No coração de São Paulo ergue-se majestosa a Catedral da Sé. Obra de fé e de coragem singular, que desafia o espírito humano. Transpondo os seus umbrais, vemos ao centro e ao fundo o altar num triângulo divino e resplandecente. Ao centro, Cristo crucificado, tendo ao lado direito a Virgem Santíssima e ao lado esquerdo São João Baptista. Obra de fé e de coragem singular! Ah, vemos a obra que levou 25 a 30 anos para a sua construção. E tudo foi feito pacientemente. Vemos uma obra de fé que levou 25 anos para ser esculpida. E tudo foi feito com paciência, com paciência, com sua sãe suor; com vontade sobre vontade; com desejo sobre desejo. E hoje, Sr. Presidente e Srs. deputados, os mesmos sinos da Catedral da Sé, que repicam todos os dias festivamente, como a dirigir a vida do paulistano, repicam tristemente e plangentemente pela perda, pela lacuna impenhável desse insuperável Papa da paz social e da paz universal, João XXIII. E essa Catedral, que foi feita

com esforço, com perseverança diuturna, com tenacidade invejável, é, nesta hora, o motivo principal que quero trazer aqui para comparar também à vida de João XXIII. Porque a vida de João XXIII, Sr. Presidente, Srs. deputados e Srs. representantes da Igreja Católica, foi também uma obra de fé, uma obra de paciência, forjada no cadinho da humildade camponesa, do amor aos injustiçados da sociedade contemporânea, no sacerdócio de Cristo, profundamente identificado para a missão que lhe foi confiada, homem que teve sensibilidade indescritível dos problemas humanos, de atuação irresistível na luta contra o desvelamento social.

Portanto, nesta hora, nada mais justo e nada mais merecido do que esta Casa de leis deixar patenteada a sua homenagem mais singera, mais profunda por esta perda irreparável para a humanidade. E tudo o que encerra e consubstancia a personalidade de João XXIII, tudo isso nós vimos, na sua maior consagração, nos quase 5 anos de seu pontificado, que imprimiu, na reafirmação de tudo que se fez no passado, um novo ritmo à doutrina social da Igreja. Vimos o seu breve pontificado, breve na sua existência temporal mas perene no objetivo que o caracterizou, que o imortalizou, vimos naquela passagem de Renan, nos "Apóstolos" de Renan, quando São Paulo parte de Antioquia rumo ao Ocidente, para nele proclamar a palavra de Jesus, e o grande artista, o mágico inigualável da forma, o mestre insigne da perfeição e do estilo se exalta como nos êxtases da prece: "A grande odisséia cristã vai começar, a barca apostólica já desfraldou as suas velas e não aspira levar em suas asas senão a palavra de Jesus". E hoje, toda a humanidade contrita pela morte de João XXIII, podemos exclamar alto e bom som que a grande odisséia cristã vai começar, a barca apostólica já desfraldou as suas velas, o vento sopra e não aspira levar em suas asas senão as palavras da unidade cristã, da paz social, da paz universal, preconizada e tão decantada nas encíclicas "Mater et Magistra" e "Pacem in Terris".

E a hora, pois, Sr. Presidente e Srs. deputados, de cada um fazer a análise de si mesmo. No dia de morte de João XXIII paralisam-se todas as atividades do mundo; no dia de sua morte renova-se a fé em cada coração; no dia de sua morte lavam-se as almas, fecham-se as oficinas, morrem os ruidos das máquinas e dos motores, cessam as corridas armamentistas, não mais se sustentam as manobras comunistas propugnadoras da derrubada dos regimes democráticos. Oxalá quisesse Deus que a impressão da morte de um Papa como João XXIII se eternizasse através dos tempos. Talvez assim, Sr. Presidente, Srs. deputados, e representantes da Santa Igreja Católica, este mundo fôsse melhor, mais humano e mais cristão. Oxalá tivéssemos outros João XXIII, e talvez assim pudessemos ter a convicção e a certeza de que este mundo marcharia na luta contra o desvelamento, contra a desigualdade social.

Miguel Angelo, o grande escultor do país das aves, após esculpir a estátua de Moisés, que hoje enriquece a pinacoteca do Vaticano, exclamou num absurdo: "Oh, para!" Ganha a humanidade com a morte de João XXIII o seu maior escultor, o escultor de almas, da fé, da paz entre os povos.

Vede, Papa João XXIII, as estátuas da fé que esculpisteis, as estátuas da paz que criastes com vosso amor e com vossa humildade. Elas enriquecem hoje a pinacoteca do Vaticano, mas enriquecem também a pinacoteca do coração de todos aqueles que sabem sentir a grandeza de vosso pontificado. Os desígnios de Deus são insondáveis, a predestinação de Deus que se exerceu através de Pio XII, que Deus inspirou a inscrição divina na prudência de João XXIII, quando foi eleito patriarca de Veneza de um modo tão sublime, pontífice da paz. E que foi sua vida senão a obediência fervorosa aos ditames de Cristo, da pregação da fé como condição de paz social e de paz universal?

A bancada do Partido Social Progressista deixa nesta hora, através deste humilde representante, as suas dores mais profundas pela perda do chefe supremo da Igreja Católica, daquele que no prazo de 4 anos e 7 meses ocupou brilhantemente a cátedra de Pedro, dando um novo impulso, um novo ritmo à doutrina social da Igreja, para glória nossa, das graças que se sucederem, porque temos certeza de que a Igreja Católica, mais do que nunca, é o símbolo avançado e vanguardeiro na luta contra os desequilíbrios sociais. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE — Pela bancada do Partido Trabalhista Brasileiro tem a palavra o nobre deputado Benedito Matarazzo.

O SR. BENEDITO MATARAZZO — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, autoridades eclesásticas presentes, Srs. deputados, a Assembleia Legislativa de São Paulo reúne-se hoje com as suas bandeiras em crepe para chorar com o mundo a morte do soberano pontífice, o Papa João XXIII.

Srs. deputados, sabemos todos nós, neste misto de tristeza e até de agonia, que, com o pianto da humanidade, desapareceu o Papa da Paz, o Papa dos humildes o Papa dos sofridos. O humilde camponês Angelo Roncalli, levado à chancelaria da Igreja Católica, por vontade de Deus, errou os olhos para sempre, entrando na eternidade. E o que verificamos nós, neste instante? Que é de perplexidade, de expectativa a situação no mundo, com a humanidade meio atônita, porquanto aprendera repousar em João XXIII sua confiança e suas esperanças. No entretanto que tem sacudido ultimamente a humanidade, verifica-se que diante da palavra sábia, inspirada de João XXIII as tempestades foram amainadas. A sua palavra de inspiração, a sua palavra de fé levaram, embora momentaneamente, a tranquilidade os mais altos mandatários do Universo.

Vieram para nós como inspiração e como ensinamento as suas encíclicas "Mater et Magistra", "Pacem in Terra", quando o Papa dos humildes procurou então ditar normas à humanidade, para que o amor passasse a reaparecer no coração dos homens.

E tenho a certeza, Sr. Presidente, Exas. Révmas, aqui presentes, que mais do que a dor física de seus derradeiros instantes o fez sofrer a incompreensão entre os homens, a injustiça social, que infelizmente ainda campeiam pelo mundo e a negação dos próprios princípios cristãos por alguns.

Nas suas encíclicas, embora com suavidade e verdade profligou os exploradores de seus semelhantes e conseguiu o milagre de reavivar a esperança dentre os humildes, dentre os sofridos, dentre os injustiçados. Procurou demonstrar ao mundo que não é privilégio de nações ou ideologias a luta pelo bem-estar entre os homens.

A Igreja por ele chefiada, soube, nos momentos cruciais em que vivemos e que assistimos estarmos ainda há pouco, aplacar os excessos e fazer com que voltássemos à tranquilidade, na esperança de melhores dias. E agora, que desapareceu João XXIII, resta-nos apenas tomá-lo como inspiração e como exemplo, na certeza de que estaremos cumprindo com o nosso dever para com a coletividade que representamos. E como agonizou o mundo nesses últimos dias, nessas últimas horas. Foi um instante crucial para a humanidade sem sombra de dúvida. E verificamos que orações de todas as partes do mundo se fizeram ouvir para que o milagre sucedesse. Mas, na sua humildade, na sua resignação cristã, João XXIII viveu os seus derradeiros momentos como um santo que realmente era.

A Assembleia Legislativa de São Paulo não poderia se emitir neste momento de dor, de pesar e de tristeza para a humanidade. É esta a Casa das Leis que não se omitiu jamais em qualquer instante, quer seja de dificuldade quer seja de sofrimento, passado pela pátria; este templo onde os homens procuram bem representar os seus semelhantes, não poderia deixar de cultivar a memória de João XXIII. E é por isso que aqui estamos, inspirados pela presença de eminentes dignitários da Igreja Católica no Brasil, e verificando nos semblantes dos nossos companheiros de luta, que neste instante aqui comparecem, o mesmo sentimento de respeito, de dignidade e sobretudo de saudade ao soberano pontífice que nos deixa. E neste instante, como católico apostólico romano, condição que me orgulha de cantar a todo instante em qualquer ambiente, formação católica do berço e ensinamentos de meus pais, devo dizer que, num misto de prece e também de apelo, pediria a Deus que recebesse o soberano pontífice a seu lado, porque ele bem cumpriu a sua missão nesta terra. Foi realmente um ministro à altura dos desígnios do Todo Poderoso, e a sua luta como Papa, pela reparação das injustiças sociais, para que não se verificasse de modo tão berante e tão gritante como estamos assistindo a exploração do homem pelo homem, deixou entender que a Igreja também pode provocar, dentro as correntes ideológicas, um perfeito entendimento desde que sob a sua égide e sua inspiração estejam os homens realmente bem representados. E neste instante, ao terminar a saudade que faço em nome do meu partido, do Partido Trabalhista Brasileiro, saúdo cor e de tristeza, na despedida que todos nós fazemos ao soberano pontífice que nos deixou mas que lá do alto por esta terra olhará, eu peço a Deus que o receba a seu lado, porque, não tenho dúvida, nesta noite uma estrela a mais brilhará no firmamento e um santo a mais estará, sem sombra de dúvida, ao lado do Todo Poderoso no céu, e é esta, realmente, a nossa esperança. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE — Pelo Partido Democrata Cristão, tem a palavra o nobre deputado Chopin Favares de Lima.

O Sr. Chopin Favares de Lima pronuncia um discurso que por depender de revisão do orador, será publicado depois.

O SR. PRESIDENTE — Pelo Partido Social Trabalhista, tem a palavra o nobre deputado Pedro Geraldo Costa, último orador inscrito.

O SR. PEDRO GERALDO COSTA — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente Révmas, Sacerdotes, Srs. Deputados, Senhoras, Senhores, Rádio, Televisão e Imprensa: a terra está triste; o Papa já não existe... Do mundo partiu João XXIII e um santo chegou ao céu.

Sr. Presidente, quando dirijo estas palavras, olhando o teto desta